

ENSINO DE HISTÓRIA E HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS: ARTICULAÇÕES POSSÍVEIS PARA UMA EDUCAÇÃO CIENTÍFICA INTERDISCIPLINAR

Bernardo Jefferson de Oliveira

A abordagem interdisciplinar no ensino de história das ciências é, à princípio, algo natural, que não demandaria maiores esforços. Entretanto, quando se examina com atenção as possibilidades e mudanças nas últimas décadas vê-se que não é bem assim. Antes de se firmar como um campo de conhecimento específico - uma sub-área da história geral - a história das ciências era tratada no singular - pois predominava uma visão unitária da ciência, como se houvesse método, linguagem, pressupostos, protocolos comuns. E a abordagem histórica tinha como modelo uma história geral, evolutiva, que ia sendo complementada com novas narrativas. Era comum o relato de cientistas aposentados ou de autores que após longa experiência em algum campo científico narravam a evolução que haviam testemunhado. Tratava-se de uma perspectiva histórica que não problematizava seus enfoques teóricos, seus objetos de análise, suas fontes e funções.

Aos poucos, a formação teórica-metodológica em história foi sendo reconhecido como algo fundamental. Uma expressão desse reconhecimento se dava na demanda, comum nos anos 1970, de uma necessária conjunção de um olhar histórico com uma formação científica. Dizia-se que historiadores e filósofos entendiam muito pouco de ciências, pois não eram praticantes, e isto debilitava suas análises. Por outro lado, cientistas que pretendiam abordar as ciências da perspectiva histórica ou epistemológica eram acusados de o fazerem de forma ingênua. Alguns importantes autores, como Georges Canguilhem, insistiam nessa conjunção, e, de fato, muitos investiram numa dupla formação (pós-graduação em uma área das ciências naturais e outra em história ou filosofia).

Isto acabou reforçando uma perspectiva internalista, que foca em aspectos da prática científica com menor interação com outras práticas culturais, como a evolução dos conceitos, experimentos dentro de cada área da ciência. A reação a esta tendência veio com os estudos socioculturais da ciência, nos quais ganhavam relevo as relações entre ciência e sociedade. Nessa perspectiva, que se tornou preponderante a partir dos anos 90, entravam em consideração vários aspectos que interferem na produção do conhecimento e na sua circulação, isto é, nas formas como as práticas e discursos científicos eram re-apropriados, ensinados, divulgados e usados em processos que incluíam diversos atores, veículos, instituições e contextos. Essa abertura do foco favoreceu também uma abordagem mais interdisciplinar.

Entretanto, além da abordagem (perspectiva teórico-metodológica), outros fatores interferem na educação interdisciplinar. E dentre eles estão as condições de diálogo e interação com interessados de diferentes formações e culturas institucionais. A experiência que tivemos aqui na institucionalização do campo História da ciência aqui na UFMG reforça essa consideração. Tivemos nos anos 2000 - 2004 um curso de especialização em história das ciências com quadro de professores e alunos de diversas formações. Sem dúvida alguma, a diversidade enriquecia muito as discussões. Mas isso esvaneceu com o fortalecimento dos programas de pós-graduação estrito senso, mestrados e doutorados, que tinham que seguir padrões gerais da CAPES que restringiam a diversidade. A pós graduação representou um aprofundamento em alguns temas, mas restrição das contribuições de outros campos, com a exigência prática que os professores-orientadores atuassem na área da história e mantivessem vínculos com

eventos do campo da história, como os encontros da Associação Nacional de pesquisadores em História (Anpuh).

Isto não impedia a vinda de alunos oriundos de outras áreas do conhecimento, mas a colaboração de professores foi bastante restringida. Houve vantagens nessa profissionalização em História das Ciências, com o recorte mais vertical das pesquisas, mas a formação dos estudantes se tornou, em certo sentido menos interdisciplinar.

Na direção inversa, vão duas experiências que estamos desenvolvendo recentemente na UFMG: a formação complementar transdisciplinar em divulgação científica e o fórum de cultura científica. A Formação complementar transversal é uma modalidade que vem sendo ofertada para todos os cursos de graduação da UFMG. O aluno de qualquer curso pode cursar uma ou outra disciplina como eletiva. Se completar o leque de 6 disciplinas numa dessas formações transversais - 360h no total-, o estudante ganha uma certificação extra quando concluir sua graduação. Até o momento estão sendo oferecidas 7

formações transversais, que vão de Processos Criativos, Direitos Humanos, Relações Étnico Raciais, Saberes Tradicionais, passando pela que nos interessa aqui:

a Formação Transversal em Divulgação Científica, que dentre o leque de disciplinas obrigatórias está "História da Ciência e da Difusão da Cultura Científica".

Sobre este curso gostaria de destacar dois aspectos: o primeiro é que, ao envolver alunos de diversos cursos de graduação, cria-se um ambiente favorável de diálogo

interdisciplinar. O segundo é que a abordagem não foca teorias ou investigações científicas, mas sim um amplo conjunto de práticas, discursos, valores e expectativas que compõem a chamada cultura científica e dos agentes e veículos que promovem sua difusão. Já o fórum é uma iniciativa construída em diálogo com diversos setores

da universidade envolvidos em ações de ensino, pesquisa e extensão relacionadas à comunicação científica. Seu objetivo é discutir temas relacionados à cultura científica, sua difusão e estratégias para articular e conferir visibilidade às diversas iniciativas de comunicação pública do conhecimento produzido pelos grupos da UFMG. Ele

se reúne semestralmente para debater temas e experiências, procurando envolver não apenas os professores mas também alunos e técnicos administrativos que trabalham ou se interessam em trabalhar em diferentes instâncias. O último, por exemplo, focou em blogs e canais de youtube feitos por alunos e professores em 3 áreas do conhecimento, visando discutir o alcance, potencialidade e limitações dessas iniciativas.